

HOMENAGEM DO INSTITUTO DO CEARÁ AO CONSÓCIO JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA

José Denizard Macedo

A mais pesarosa emoção atingiu as fontes profundas da minha sensibilidade ao receber naquela triste manhã, em plena rua, a infausta notícia do falecimento de JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA, ocorrido em lutuosa madrugada do abril que passou. Correr imediatamente à Capela da Santa Casa de Misericórdia foi pronta a reação, procurando render ao amigo morto o tributo da mais sincera amizade e admiração.

Outro impacto, porém, foi receber à tarde, por ocasião do serviço fúnebre, a notícia que a presidência do Instituto do Ceará mandava pedir que o orador oficial da casa pronunciasse a palavra derradeira de saudade e de estima ao confrade talentoso e culto que partia dêsse vale de lágrimas e que tanto ilustrara a Casa do Barão de Studart por bons e leais serviços a par de valiosos trabalhos e inteligentes contribuições às atividades intelectuais do nosso sodalício.

Fi-lo, sepultando no fundo dalma os mais sombrios sentimentos, agravados pela hora crepuscular, no desejo de bem cumprir a missão para que fôra designado. A boa vontade da oratória improvisada pôde sòmente esboçar no desataviado da frase e no desalinho das idéias um pálido esboço da vigorosa e rica personalidade de José Bonifácio de Sousa, com tantas e variadas facêtas, chegadas de chôfre à memória do orador no tropel atribulado das recordações de muitos anos.

Volto-me ao passado e de lá rebusco a mais antiga lembrança do meu amigo Bonifácio, a de uma estimuladora, sóbria mas entusiástica carta dirigida, naquele já longínquo e recuado ano de 1933, ao pequeno grupo de jovens ginasianos do Crato que se angustiam com os problemas nacionais após as desilusões da revolução de outubro de 1930 e esperavam encontrar o caminho da regeneração nacional na áspera

campanha cívica desencadeada pelo Integralismo brasileiro nos diversos quadrantes da Pátria.

Bonifácio, com aquela tranqüilla discreção mas inquebrantável decisão — duas vigas mestras do seu caráter — firmara atitude no conflito ideológico que se aprofundara na opinião nacional após 1930. Já bacharel em Direito e funcionário graduado do Banco do Brasil, mas intelectual de raça e homem de estudos de acendrada vocação, a exemplo do seu colega pernambucano, o ilustre e combativo Manoel Lubambo, nas atividades áridas do trabalho bancário ou nos lazeres da profissão encontrava sempre algo para enriquecer a extensa e sólida cultura.

Membro da Ação Integralista Brasileira no Ceará, integrante do seu Conselho Provincial, o gabarito dos seus estudos e o pòrto de sua lúcida inteligência credenciaram-no para Secretário Provincial de Estudos daquele patriótico movimento, polarizando assim trabalhos e pesquisas em tórno da então já suficientemente complexa realidade brasileira.

Quando o vendaval do golpe de Estado de 10 de novembro de 1937 cerrou as portas da política ao Integralismo Brasileiro, começando a hora amarga das perseguições injustas e mesquinhas, das calúnias e das covardias que não vale a pena serem recordadas, José Bonifácio de Sousa buscou no caráter inamolgável, na segurança de uma consciência tranqüilla, na fidelidade aos princípios escolhidos, as energias necessárias para vencer a maré montante dos que procuravam destruir em todos nós o sagrado relicário da nossa honra cívica de bons brasileiros, jamais se afastando da linha de altaneira e silenciosa dignidade, de discreta mas firme fidelidade ao que sempre julgou consen-tâneo aos melhores interesses nacionais.

Um episódio, rico de significação humana mas reservado e singelo como convinha ao seu caráter infenso a qualquer alarde, bem atesta essa conduta honrosa e decente. Creio que ainda ao fragor da Segunda Guerra, os azares da carreira bancária distanciaram-no de Fortaleza por alguns anos. Poderia no Crato, na Bahia ou em outra parte do país redefinir sua opção política. Deixou para fazê-lo anos depois, ao retornar a Fortaleza, galgando espontaneamente as escadas da sede do Partido de Representação Popular, o herdeiro doutrinário e político do Integralismo, para fazer a inscrição partidária, sob os aplausos de velhos, leais e dedicados companheiros de sempre. Nenhuma lição de coerência e lealdade poderia ser mais eloqüente e falar tão alto da sua fibra de homem de bem, de um só rosto e de um só parecer.

Como cidadão de altas e acrisoladas virtudes, foi sempre um interessado nas cousas públicas, mas nunca nos cargos públicos, que ocupou raras vêzes e sempre com uns laivos de contragosto dada sua costumeira modéstia, tangido invariavelmente por motivos nobres e relevantes. Vimo-lo recusar sucessivamente candidaturas a cargos

eletivos pelo nosso Partido, como também uma posição de relêvo no Governo Virgílio Távora, também por indicação partidária. E, se ao término da benemérita existência, aceitou uma secretaria de Estado, fê-lo motivado por fortes sentimentos de amizade, face aos instantes e reiterados apelos do governador Plácido Castelo.

Essa, ao meu ver, uma das mais valiosas facêtas de José Bonifácio de Sousa. Caráter austero, honestidade inquebrantável, ao contrário de muitas que fazem da honradez de propósitos uma couraça anteposta aos apelos da amizade e do generoso servir, êle soube realizar a conciliação das duas cousas aparentemente antagônicas. Foi sempre bom e prestativo com os amigos, sem que isto o afastasse um átimo no cumprimento do dever nem tampouco um milímetro sequer dos rígidos e austeros princípios que nortearam sua preciosa vida. De mim, atesta-me a qualidade excelsa o meu íntimo e silencioso agradecimento ao bom amigo cuja oportuna intervenção proporcionou ao jovem estudante recém-chegado do Crato, em 1939, o primeiro emprêgo que possibilitaria a sobrevivência e o prosseguimento dos estudos superiores até 1944, quando conquistei, por concurso, a minha cátedra na antiga Escola de Cadetes.

Da sua competência profissional falam alto a longa carreira no Banco do Brasil, ocupando cargos de destaque, a designação para interventor do Banco Popular de Fortaleza em 1942, a superintendência do Banco do Nordeste do Brasil, ao lado de Rômulo de Almeida, na dura fase inicial de sua implantação. Do intelectual, comprova o irrecusável valor as monografias e trabalhos publicados, o respeitoso prestígio entre os seus pares no venerando Instituto do Ceará e a freqüência continuada às páginas de sua Revista. Do cidadão eminente e chefe de família exemplar, proclamam as virtudes peregrinas a lisura de uma vida pública sem mácula, o apêgo ao berço natal, o querido Quixadá — objeto de uma rica monografia e cuja sedução telúrica fê-lo retornar à terra como fazendeiro, ao fim da carreira bancária — e o imenso pesar trazido pelo seu desaparecimento à família inconsolável e aos amigos acabrunhados pelo inesperado e lutuoso evento.

Não poderia cerrar essa página descolorida e triste sem evocar duas facêtas das mais fundamentais e ricas da individualidade do meu saudoso amigo. Quero aludir ao professor seguro e cômico dos seus deveres magisteriais e ao cristão sincero, católico, profundamente apegado à ortodoxia, tão ferida e açoitada pelo "progressismo" dos nossos tempos, a pretexto de "ventos da História" pessimamente auscultados por pilotos eclesiásticos, bisonhos e inexperientes dos ensinamentos da Mestra da Vida.

Nosso professor nos idos de 1939 a 1944 na Faculdade de Ciências Econômicas, então particular, da qual foi um dos professores fundadores, José Bonifácio de Sousa ali lecionava uma matéria ingrata e difícil para a qual inexistia bibliografia na época, a chamada "Econo-

mia Bancária", rebatizada nos currículos atuais com a designação de "Moeda e Crédito". Entrava pontualmente em sala ao tocar da sineta, não faltava à aula e ministrava a matéria integralmente nos 50 minutos do tempo letivo, com aquela singeleza didática e clareza de exposição, sem arroubos mas com o máximo desvêlo, que o faziam estimado e respeitado pelos discentes.

Sua ausência do Ceará por algum tempo e a encampação da Faculdade pelo Governo Estadual impediram-no de continuar pertencendo ao nosso corpo docente. Por isto, ao retornar ao Ceará, procurou satisfazer os pendores para o ensino, lecionando História do Brasil na antiga Faculdade Católica de Filosofia. Quando motivos supervenientes desviaram-no definitivamente das lides do magistério, fêz questão cerrada que eu o substituisse no ensino da História Pátria. Temia, e com razão, que alguém menos seguro nos princípios que nos conhecimentos viesse a ocupar a cátedra, deturpando o ensino da nossa formação histórica com desvios ideológicos e deformando a mente e as idéias dos jovens acadêmicos e professorandos, destinados a exercitar o magistério para adolescentes em nível secundário.

O cristão, o católico, o ortodoxo, êste está manifesto ao longo de uma vida fecunda, cheia de pias preocupações, rasgos de bondade e fiel cumprimento dos deveres religiosos ou das mais vivas preocupações com a sorte e os problemas da Igreja atual, avassalada por crises que inquietam desde o Papa até o mais humilde dos leigos. O mordomo da Santa Casa de Misericórdia, o vicentino partícipe do Conselho Metropolitano, o leitor assíduo e fiel assinante da revista *Permanência*, de Gustavo Corção, baluarte da ortodoxia plantado nessa terra de infiéis que é o mundo de hoje, faziam-no um dos grandes nomes do laicato católico do Ceará, da mesma linhagem a que pertenciam vultos do esplendor de um Barão de Studart, um Soares Bezerra, um Andrade Furtado.

Não foi sem razão que um dos seus primeiros trabalhos publicados em opúsculo, em 1945, versou sobre o varão de Plutarco que foi meu conterrâneo, o cratense Leandro Bezerra Monteiro, católico intrépido na defesa da Igreja e dos Bispos de Olinda e Belém por ocasião da malfadada questão religiosa, criada pelo galicanismo do gabinete de Rio Branco. A escolha do tema para uma conferência na Ação Católica da Diocese do Crato revela uma rica afinidade espiritual, pois o biógrafo tinha as dimensões morais e intelectuais do biografado, vergôntees de uma mesma estirpe.

Não me furto ao prazer de transcrever o trecho final com que José Bonifácio de Sousa, sintetizando a personalidade de Leandro, fêz também de certa forma o seu auto-retrato:

Ultramontano! — era o brado com que se procurava ferir, naqueles ominosos tempos, todos quantos não transigiam com os princípios de fé, já então minados pelo nefasto liberalismo filosófico. Decorridos setenta anos, parece estar naquele epíteto a maior parte do mérito de

Leandro Bezerra Monteiro. Mérito inextinguível, porque não se buscou a si próprio senão a glória d'Aquêlé que veio para reinar e um dia reinará na plenitude de seu poder.

Morto meu amigo Bonifácio, resta aos que o estimaram em vida apenas a consoladora esperança que, ao abrir-se a terra generosa do Ceará para receber o corpo inanimado do filho amantíssimo, rasgavam-se também as portas da eternidade no Céu, cumprindo-se mais uma vez aquela bela epígrafe inscrita na lápide funerária de Chesterton: "Vitam sine termino nobis donet in pátria".